



João Cabral de Melo Neto

Sérgio Buarque de Holanda

NÃO HA' grande paradoxo em dizer que na obra tão breve e tão voluntariamente impessoal do sr. João Cabral de Melo Neto o autor parece presente de corpo inteiro. O que nos revela de um poeta o simples tirocinio, ou a habilidade técnica, ou mesmo sua fantasia, sua ternura, seu fervor, seu delírio é, na melhor hipótese, alguma imagem esquiua. São, essas, virtudes peculiares e clássicas do ofício, tão imperiosas, muitas vezes, quanto o foram, em seu tempo, os cânones da métrica. Virtudes que, na maioria dos casos, não reclamam iniciativa própria, nem comando, mas docilidade, obediência ou boa memória.

Aqui, no entanto, o menor movimento da frase, a escolha dos vocábulos, seu mútuo equilíbrio, até sua posição na página ou no conjunto traem forçosamente o autor. Desconheço pessoalmente, o sr. João Cabral de Melo Neto, mas ficaria sinceramente admirado se o soubesse na vida profissional, de funcionário consular, bem diferente da imagem transmitida pelo poeta, um poeta que pôde enriquecer nossas letras de uma noção rigorosa, verdadeiramente

exemplar de dignidade, intelectual, senso de responsabilidade e devoção ao trabalho.

Confesso bastante envergonhado que meus primeiros contatos com sua obra e, depois, o crescente interesse que ela pôde inspirar-me, nem sempre me deixaram totalmente livre de hesitações ou suspeitas. Pareceu-me quase incrível, por vezes, que essa consciência constantemente alerta e ativa, esse zelo, ao mesmo tempo vigilante e criador —

(como uma ave
que vai cada segundo
conquistando seu vôo)

— tão estranhos aos mais inventados costumes da lirica lusobrasileira, chegassem a existir, entre nós, sem fundar-se por vezes em algum malicioso artifício. Pois o próprio apuro e o rigor externos também podem reduzir-se a fórmulas simples, acessíveis a qualquer virtuoso, que os assimilará com tanto mais presteza quanto mais careça interiormente deles.

O que parecia traduzir-se naquele zelo sempre atento, não era apenas uma poética, na acepção mais corrente e usual do vocábulo. Era mais, e principalmente, uma espécie de norma de ação e de vida. A estética, em outras palavras, assentava sobre uma ética. E parece bem improvável que o truque, ainda quando possa aparecer convenientemente dissimulado na pura obra de arte, em particular na poesia, tantas vezes um solo de eleição ideal para os malabarismos e os fingimentos, consiga introduzir-se em outros domínios sem logo denunciar-se por algum passo em falso.

Se deixei de tratar como o deveria, e na oportunidade mais própria, do último poema publicado pelo sr. João Cabral de Melo Neto, não necessitaria de pretextos para corrigir, passados quase dois to, não necessitaria de pretextos aliás, é o que não falta. No belo trabalho sobre Joan Miró, ultimamente impresso entre os "cadernos de Cultura" do Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Saúde, tanto quanto um estudo interpretativo, temos uma série de valiosos pontos de referência para melhor conhecer, em seu sentido profundo, a criação do poeta e para acorpanhar-lhe com mais segurança o itinerário. Pois é inegável que as simples preferências de um artista já representam, só por si, os índices mais plausíveis de uma simpatia espiritual e de uma afinidade reveladoras.

ANTES de tudo cabe dizer deste livrinho que nos mostra o autor tão próximo de seus escritos anteriores, tão perseverante em sua identidade que, sem outro argumento, já serviria para desfazer aquela vaga suspeita de contrafação. Ninguém se incorpora com tamanha assiduidade e desenvoltura um disfarce que teria adotado por capricho literário. Claro, seguro, sem sombra de pedantismo, sem passo em falso, o autor expõe-se, enfim, num idioma que não fôra até agora o seu, ou em que ainda não se manifestara de público. Idioma bem mais próximo do discurso quotidiano do que da poesia, mas que se presta a exprimir a mesma verdade pessoal ou a mesma obstinada vontade.

E' bem certo que, tentando melhor entender o poeta através do prosarior, ou vice-versa, não evitaremos facilmente o risco de confundir dois planos que se querem distintos e não raro contrários. Aqui teríamos de enfrentar ainda uma vez a célebre questão da descontinuidade entre as duas linguagens, a da poesia e a do discurso. Mas não será justamente uma das missões da crítica de poesia tentar estender uma ponte entre os dois territórios estranhos e talvez inimigos?

Parece quase certo que, de modo absoluto, essa missão é irrealizável. Contudo a única sabedoria ainda compatível com nossa fraqueza humana está em tentar chegar o mais perto possível da meta ideal. De todos os produtos da impaciência é o absolutismo, certamente, o mais adverso a toda procura, isto quer dizer a toda sabedoria terrena. Ou porque, só estimando as verdades muito perentórias, que não estão ao alcance da mão, logo renuncia a alcançá-las; ou porque, já se supondo senhor delas, não necessita ou não quer procurá-las.

Para bem entender um poeta, com a visão necessariamente relativista que pertence a toda crítica séria, importa procurá-la inclusive fora de sua obra poética e também, se possível, fora de seus escritos. Nada, neste caso, é inteiramente inútil, nada se perderá, para uma interpretação conscienciosa, ainda quando atinente apenas aos dados estéticos. E a tarefa será enormemente facilitada quando o próprio autor se confessa aos leitores, embora na forma enviezada com que o faz o sr. João Cabral de Melo Neto em seu livro sobre Miró.

NA GENERALIDADE dos casos a confissão não se acha expressa, e tentar de certo modo arrancá-la é uma das funções do intérprete. Mas ainda onde se abordam problemas relacionados mais diretamente com a pintura e suas técnicas específicas ela não parece de todo ausente. Assim vemos como ao tratar a superfície como superfície, Miró se au-

bleva, a princípio obscuramente, mas depois, e aos poucos, com uma tenacidade que envolve ambição deliberada, contra os princípios que conduziram os artistas do Renascimento a traduzir na pintura a terceira dimensão. Esses princípios implicavam a vontade de instituir uma ordem estática. Ora, no próprio aprêço que se vota aqui à ofensiva do pintor catalão contra esta ordem e aqueles princípios já entra claramente um juízo de valor. E não há só isso. A idéia de estabilidade que procurou encarnar o Renascimento negava os elementos dinâmicos, "essa riqueza da antiga pintura decorativa" em proveito de uma riqueza nova, trazida pelos meios de reproduzir-se a terceira dimensão. Sucede entretanto que a riqueza nova é simplesmente ilusória, dependente de uma posição convencional, previamente estipulada, do espectador.

Não resta dúvida que o analista se sente perfeitamente solitário com o analisado na luta contra as formas vindas do renascentismo. Contra a noção de estabilidade sobreposta ao dinamismo; contra o ideal de beleza que se associa à serenidade e à impassibilidade, contra a idéia do equilíbrio que anula o ritmo. "A busca do equilíbrio", escreve, "é subjacente a todas as leis que constituem o bem compor renascentista, ainda o nosso bem compor". E o equilíbrio procurado irá devarar, ao cabo, os movimentos rítmicos, salvo onde estes não sirvam, "para realçar essa estabilidade geral" ou enquanto não a perturbem nem a ameacem.

O PARALELO que se poderia tentar entre a reversão de valores tentada consistentemente na pintura de Miró e o próprio itinerário poético do sr. João Cabral de Melo Neto, daria ao primeiro relance resultados negativos. Falou-se demasiado em formalismo a propósito deste autor, e a palavra formalismo sugere imediatamente aquelas mesmas noções

(Conclui na 8.ª página)

Continua no
verso

Rio de Janeiro, Domingo, 3 de Agosto de 1952

JOÃO CABRAL...

(Conclusão)

de estabilidade e equilíbrio contrariadas pelo artista catalão. Além disso a luta do poeta pela expressão nítida, cristalina, que vai aos extremos de uma linguagem crítica, já não parece traduzir essa aspiração de um mundo sereno, povoado de essências puras que prolonga, requintando-o apenas, o próprio ideal de beleza herdado do renascimento e do petrarquismo?

Por outro lado, é evidente que toda reversão de valores tradicionais há de ser precedida e presidida por um empenho deliberado de despojamento e simplificação. Também Miró começou por pintar figuras simplificadas ao extremo, "verdadeiras cifras da realidade". Havia, nisso, uma ascese necessária, primeiro passo na conquista da autenticidade e da liberdade. Só a aplicação contumaz pode emancipar-nos desses detritos de palavras e idéias, que, acumulados ao longo dos séculos, servem para esconder-nos a face do mundo real. Existe uma semelhança só aparente, de fato enganadora, entre essa aplicação e a do artífice que se mortifica na simples busca das expressões ou dos compassos consagrados e consagradores, provindos de experiências ancestrais de que ele não participou, de formas que, afinal, se concretizam em normas. Na verdade separa-as toda a distância que vai da pura mímica (embora laboriosa) ao duro trabalho de criação. Ou, para recorrer ao vocabulário do sr. João Cabral de Melo Neto, a distância que separa da "invenção" a simples "descoberta".

NADA MAIS falso, por isso, do que falar-se, aqui, em formalismo. Quase toda a obra deste poeta traz a marca do incessante esforço, mas de um esforço que não quer servir a leis abstratas e formais. Buscando abolir, na expectativa de uma criação mais genuína, certas dimensões habituais da poesia — a delícia do descobrimento involuntário, a ver-

Letras e Artes

(Conclusões das 2.ª e 3.ª páginas)

tigem da divina inspiração, o duro labor do joalheiro — a arte poética expressa ainda em *Psicologia da Composição* e simplesmente depuradora e negativa:

Não a forma encontrada como uma concha, forma nos frouxos areais como cabelos;

não a forma obtida em lance santo ou raro, tiro nas lebres de vidro do invisível;

não a forma aplicada como um copo, que servisse a repetida espuma aflorando em seu tempo...

Resta, é certo, uma aspiração positiva:

...a forma atingida como a ponta do novelo que a atenção, lenta, desenrola, aranha...

Mas até onde nos levará essa valorização do artesanato pelo artesanato, que, em contraste com a atitude dos parnassianos ou de tantos autores dessa geração chamada de 45, está longe de servir sequer a algum ideal estético definido? Pois não principiara ela por negar todos os ideais estéti-

cos? Ainda mais: não entraria também uma negação, posto que sutil e dissimulada, nessa própria exaltação da gratuidade do esforço?

No entanto há aqui apenas um passo preliminar no caminho que levaria, cada vez mais, a obra do sr. João Cabral de Melo Neto a uma posição verdadeiramente excepcional em nossa poesia. Valerá a pena segui-lo um pouco mais nesse caminho.

Remessa de livros:

Rua Haddock Lobo, 1625 — São Paulo.